

PSICOSES SOCIAIS

O Sr. Professor Dr. António Caetano de Abreu Freire Egas Moniz, teve a amabilidade de aceitar o convite da «Ordem» para realizar na sua sede uma conferência.

Homem de Ciência, Psiquiatra de relêvo internacional, e, além disso, senhor duma cultura geral extensa e rica, que em múltiplos trabalhos se tem debruçado sôbre grandes problemas à margem da Medicina, S. Ex.^o tratou aqui — para encantamento de todos nós — o interessantíssimo tema das «Psicoses Sociais».

QUISERAM ter a bondade de me trazer a esta tribuna tantas vezes ilustre, pela categoria, pelas vozes que a têm honrado e pelo auditório que disfruta, hoje mais brilhante do que nunca, na severidade das togas e nas elegâncias femininas. Médico apenas, deslumbra-me a altura e reconheço a minha pequenez para empreendimento tão levantado.

Um conferência, principalmente dedicada a advogados, não é difícil esboçá-la um alquebrado cultor da Arte de Hipócrates, pois qualquer assunto arrancado aos arcanos da nossa actividade científica seria aqui compreendido, tão juntos andam médicos e advogados nas contendias do fôro. Mas a exigência é mais elevada. A palestra solicitada traz a etiqueta de «cultural», o que torna a empêsa mais difícil e o successo mais precário.

Começam os embaraços na escolha da matéria a tratar. Seria descabido trazer para aqui descrições flagelantes de aspectos patológicos de nítido desenho mórbido. Procurei, por isso, desen-

tranhar do meio onde labuto questão que, não perdendo as características da origem, se projectasse em mais vasto âmbito de conhecimentos gerais. Pretendendo dar um rápido escôrço do que denominarei «psicoses sociais», tema porventura ousado, mas de flagrante actualidade.

Julgo que as psicoses não são atributo exclusivo dos indivíduos cuja mentalidade dilaceram e aniquilam. Os aglomerados sociais também podem sofrer de males idênticos que destroem o equilíbrio da vida normal. Altera-se então o ritmo cadenciado de fôrças e estímulos que os condicionam, perde-se a regularidade no trabalho na utilização ao bem comum e entram em crise as qualidades cívicas e as características vitais dos povos.

Pelo menos o símile é de admitir e a idéa é-nos sugerida pelas perturbações que, de quando em vez, avassalam a tranquilidade das populações, quer se trate de pequenos agregados, quer de grandes nacionalidades.

As multidões têm alma própria, com qualidades que as diferenciam e lhes dão forma psíquica especial. Entre uma povoação portuguesa e outra chinesa, há tanta semelhança como entre um branco e um amarelo. O ideal de vida é diverso, os fins a atingir não se correspondem, desde a actividade económica, pedra basilar da existência, até às aspirações ideológicas, filosóficas, religiosas e morais. Um abismo as separa. E, contudo, estas duas personalidades colectivas, caminham, sem sobressaltos, a senda que o destino lhes traçou, se incentivos de origem exógena ou endógena a não vem alterar. Vivem como viveram as suas ancestrais, apropriando-se dos progressos que constantemente melhoram as condições da existência, mas sem perderem as qualidades intrínsecas, os fundamentos étnicos que as estabilizam e as tradições que as congregam. Se o mal que atinge as colectividades é físico, entra no domínio da epidemiologia: são doenças que, pela contagiosidade, alastram e aniquilam vidas. Mas há enfermidades doutra espécie que podem atingí-las e que visam a perturbar o espírito que as dirige e guia.

Há pouco menos de um século, em 1848, um estadista português, Rodrigo da Fonseca Magalhães, disse no Parlamento: «É preciso confessar que o povo, em certas circunstâncias, padece moléstias de espírito como os indivíduos adoecem do físico».

A idéa não é, portanto, nova; pelo menos pelo que respeita a um dos seus aspectos: o das convulsões sociais. Há outras crises, porém, que atingem a alma das colectividades. Vamos passá-las em revista, dando uma espécie de classificação das mais importantes, deixando, para têrmo da exposição, referência à psicose guerreira que, nesta hora trágica, traspassa a Europa a jorros de metralha.

*
* * *

O pânico que alastra sôbre as populações, levando-as a fortes reacções emotivas, tem causas diversas, segundo a sua cultura e sensibilidade. Nas velhas civilizações, em que o misterioso tinha maior vulto do que nas sociedades cultas de hoje, surgiram repetidas crises de mêdo colectivo. Já Tito Lívio escrevera: «O maior terror é o do desconhecido».

Pan, o deus de bizarra figura, adorado na Arcádia, experimentava os homens fazendo bruscas aparições. Daí veio o termo «pânico», que ficou na linguagem corrente. Esta crença, que teve similar em Roma, mostra a importância do ignorado na antiguidade.

O mêdo, emoção ansiosa que o indivíduo sente, por exemplo, perante a súbita aparição de sons ou personagens não esperados, intensifica-se com as perspectivas de desgraças e da morte. Pode aparecer generalizado às colectividades. Os gregos e os romanos prostravam-se diante dos deuses em que o personificavam.

Todos sabem como o culto religioso se afervora nas sociedades modernas perante a iminência de perigos reais ou imaginados. Êstes provocam as mesmas ou maiores reacções. Já o disse o nosso épico:

*«Quantos rostos ali se vêem sem côr,
Que ao coração acode o sangue amigo;
Que nos perigos grandes, o temor
É maior, muitas vezes, que o perigo».*

versos em que, diga-se de passagem, reluz a predição genial da circulação do sangue, que só mais tarde Harvey havia de descobrir.

O pavor determinado pelos grandes acontecimentos cósmicos domina e constringe as multidões. Em seguida aos terremotos, por exemplo, as famílias instalam-se em tendas improvisadas, o que pode considerar-se uma prevenção justificada; mas prolongam essa situação na tortura angustiada e constante da repetição do cataclismo. Verdadeira psicose social que avassala e perturba as multidões perplexas. As repercussões são diversas, consoante as constituições psíquicas e a cultura dos indivíduos que constituem a colectividade; mas todos sentem o pesadêlo do reaparecimento da catástrofe.

A visão dos cometas gera receios não menos duradouros. Os exemplos são dos nossos dias e nem uma ilustração média contribue para impedir o íntimo temor que êsses luminosos viajantes dos céus têm determinado em várias fases da civilização. O grande cometa que fez a sua aparição em 1843 trouxe a humanidade inquieta e suspeitosa do desaparecimento brusco do glôbo terrestre.

A chuva de estrêlas, espectáculo grandioso que ainda há pouco presenciámos, tem também provocado reacções emocionais violentas.

«Sinais do céu» — diz o nosso povo — frase em que sintetiza o receio de cataclismos próximos.

Os astrónomos explicam os fenómenos para tranqüilidade das multidões; mas o misterioso passa sôbre a razão. Já o mesmo não sucede com os eclipses, que ainda hoje impressionam os povos selvagens, e que, para a gente civilizada, passaram a ser fenómenos banais, regrados pela indicação precisa das épocas em que aparecem.

Os acontecimentos sociais podem, por sua vez, dar origem ao pânico. As revoluções estão neste caso e o mêdo não se justifica apenas pelo receio individual da morte. Outros factores entram em jôgo. Na História ficou assinalada esta psicose na época do terror, que dominou por mais de um ano na Revolução Francesa, sob o domínio do chamado *Comité* da salvação pública, fase trágica em que, ao lado de Maria Antonieta e do Duque de Orléans, foram executados André Chénier e o imortal Lavoisier.

Na revolução russa produziu-se idêntico e mais prolongado período de ansiedade geral, que ainda hoje não é fácil pormenorizar.

O terror religioso também se tem manifestado em surtos violentos. É a incógnita do além-túmulo que, em certos momentos e por motivos insólitos, em que avultam excessos místicos, aflora à alma das multidões, trazendo as populações crentes em ansiedade dolorosa. Sôa-lhes aos ouvidos a voz de Caronte, do poema dantesco :

*«l' vegno per menarvi all'altra riva
Nelle tenebre eterne, in caldo e'n gelo.»*

Estes receios não são peculiares às paragens europeias ; prosperam longe, nas margens do Ganges sagrado e na cidade santa do bramanismo : Benarés ; manifestam-se sob o influxo dos derviches, os místicos do Alcorão, em terras do Islam ; espalham-se pelas ruínas de Kápilavastu, onde nasceu Buda, e pelas alturas de Kusinagara, onde morreu o Profeta do Nirvana ; intensificam-se em tôrno da colina de Potala, no alto das cordilheiras tibetanas onde pontifica Dalai Lama.

As crises de temor da vida futura fazem com que se respire uma atmosfera pesada de inquietações, em que voltejam trágicos presságios.

A psicose colectiva do pânico, seja qual fôr o motivo que a determine, é similar à garra melancólica que subjuga o indivíduo, sem que o raciocínio e a realidade palpável possam vencer as idéas deprimentes da incapacidade física, intelectual e moral que o domina. Cai-lhe diante dos olhos a cortina escura que enegrece a paisagem da existência. Tudo se transforma e modifica, para tomar aspectos sinistros. Lembra um dizer de Lope de Vega :

*«Todo deleite es dolor
Y todo placer tormento».*

É a ampliação dêste quadro mórbido que se observa nas colectividades em crises de mêdo. A ansiedade que afoga o indivíduo em íntimo sofrer subjuga igualmente as comunidades, como o espectro de desgraças inevitáveis. O mal generaliza-se e transmite-se a todos os seus membros, como se estivessem de mãos dadas a receber uma descarga eléctrica. E a psicose colectiva do terror passa a ser uma realidade.

*
* * *

Uma outra psicose social, a-pesar-de se exteriorizar de forma bem diversa, aproxima-se da que acabamos de descrever. Dá origem a convulsões sociais, espécie de epilepsia colectiva, crise de agitação que deflagra em violências. Tem as suas raízes no fanatismo de colorido religioso, filosófico, político ou social. Erguem-se então, em revolta, as multidões desvairadas, na estulta pretensão de, dominando os que não comungam nas mesmas idéas, subjugar o pensamento humano, eterno insubmisso que não cede à fôrça, nem se deixa amordaçar pela opressão. Esvoaça alto, acima das paixões e dos dissídios das gentes. Só aparentemente conseguem dominá-lo, pois fica como potencial dinâmico na mente dos vencidos, esperando a hora da sua emancipação.

Estas reacções mórbidas dão origem aos crimes colectivos que ensombram as páginas da História de todos os povos e de tôdas as épocas. São cataclismos sociais, comandados por determinantes ocultas, que saem em labareda da alma das multidões.

Escreve Gustave Le Bon : «Quando os historiadores nos contam que a *Saint Barthélémy* foi obra de um rei, mostram que ignoram a psicologia das multidões, assim como a dos reis». Esse massacre é exemplo a pôr ao lado dos que se cometeram em Portugal contra os cristãos-novos. Todos se lembram das páginas negras da nossa História, que relatam as mortes e as violências praticadas sob o pretexto do pseudo-milagre da Igreja de S. Domingos.

Quando as populações entram nestas convulsões epilépticas, abala-se o equilíbrio social e vacila a integridade das leis que asseguram a sua conduta normal. No campo político foi o fanatismo, com outra indumentária, que impulsionou os excessos da grande Revolução a que corresponderam, em Portugal, os atentados do «19 de Outubro». Nesse período de demência geral, não há argumentos, não há eloquência, não há prestígio que consigam deter as multidões alucinadas. São elas que impiedosamente instigam os executores e nunca estes que as dirigem. É a turba que pede vingança, por conta própria, contra tudo e contra todos.

Se tentarmos perscrutar o que se passou no Oriente, a-pesar do denso nevoeiro que nos separa da documentação dos factos,

parece que a alma da multidão eslava persistiu, se não persiste ainda, na laboração de arremetidas bárbaras, mantidas mais por uma psicose geral do que pela vontade dos dirigentes.

Os agregados populacionais deixam-se guiar pelo raciocínio na sua existência regular. Preferem então a melhor conduta de acôrdo com os princípios que os dirigem. Desde, porém, que a emotividade e a imaginação entram, exageradamente, em jôgo, dá-se o desequilíbrio e seguem em curso desviado e inseguro. A razão colectiva é, então, afogada pelas imagens em ligação com acontecimentos imprevistos que se sucedem desharmonicamente e com uma celeridade de relâmpago. Não há tempo para reflectir ; mal chega para actuar. As decisões mais inverosímeis sucedem-se num cine fantástico de movimentação crescente e atingem as máximas torpezas. Já não sabem distinguir entre o que existe e o que é apenas um mito. Seguem na desorientada carreira que leva à desorganização e ao caos.

Os déspotas de génio têm compreendido esta mecânica sociológica, conformando-se com ela. Caminham à feição da sentimentalidade dos povos. Napoleão disse uma vez no Conselho de Estado : «Foi fazendo-me católico que terminei a guerra da Vendéia ; tornando-me mussulmano, que me estabeleci no Egipto ; confessando-me ultramontano que conquistei os padres da Itália. Se governasse um povo judaico, restabeleceria o templo de Salomão».

Se recuarmos no tempo e seguirmos as marchas triunfais de Alexandre, Aníbal ou César, notamos o mesmo fenómeno que podemos observar na hora presente, nos países em que se instalaram os grandes chefes. Vivem à sombra da sensibilidade, mais ou menos mórbida, dos povos que julgam dominar. Nenhum desses homens, porém, pensou em governar nos domínios do raciocínio puro, base frágil sôbre que não conseguiriam firmar-se para rasgar novos impérios e menos ainda para assegurarem o prestígio do seu poder pessoal. Como diz alguém, aqueles que sabem impressionar a imaginação dos povos conhecem a arte de governar. As promessas sedutoras, as decisões enérgicas e bem sucedidas, as exhibições teatrais feitas em discursos, em que reluz algumas vezes o brilho da palavra, são fôrças a que se apegam todos os condutores dos povos. Mas apenas triunfam os que, na

sua propaganda pelos factos e pela palavra, fazem vibrar as sugestões de há muito existentes no fundo da alma das nacionalidades. A razão do seu triunfo é fazê-las despertar na hora própria.

Um exemplo tirado da história romana, a que faz alusão um psicólogo ilustre : os acontecimentos que se produziram em torno da morte de César. Duas correntes opostas se degladiavam : uma que pretendia libertar-se do Conquistador ; outra que o admirava e seguia. Shakespeare, o genial autor da tragédia *Júlio César*, põe na sua bôca, antes de cair às punhaladas dos conjurados, as célebres palavras : «Eu sou constante como a estrêla polar que, pela fixidez e imobilidade, não tem igual no firmamento. Os céus são alumados por inúmeras estrêlas ; tôdas são chama e tôdas brilham, mas só uma permanece no seu lugar». César compara-se a essa estrêla ; por isso é inacessível, inflexível e inabalável nas decisões tomadas. Quando cai no Senado, à última punhalada vibrada por Brutus, Cína grita : «Morreu a tirania ; ide e proclamai-o por tôda a parte !»

António procura, a seguir, amotinar o povo contra os assassinos de César e consegue-o, porque a plebe romana estava em tensão de revolta contra o Senado, e porque soube aproveitar-se do momento para falar à sua imaginação encandecida, lendo o generoso testamento do grande general, que soou como clarim de guerra, e mostrando-lhe o cadáver apunhalado de César, em que as suas feridas, pobres bôcas mudas — diz António — falam mais alto do que a sua eloquência :

*«Show you sweet Cesar's wounds poor,
poor dumb mouths,
And bid them speak for me...»*

O que fere a sensibilidade das multidões são os acontecimentos sensacionais, súbitos, dominadores, quando vêm ao sabor dos seus íntimos desejos. É o choque que fere lume, desde que entrem em contacto os elementos essenciais que podem provocá-lo. Acertadamente diz Gustave Le Bon que a imaginação dos povos só é decisivamente influenciada por uma imagem impressionante e nítida, desembaraçada de interpretações acessórias. São os factos deslumbrantes pelo sucesso ou os que mergulham no misterioso,

que arrastam as multidões predispostas a excessos para os grandes lances da História ou para a morte. Estão nesse caso as vitórias fulminantes, os triunfos decisivos, mesmo sôbre países indefesos, os milagres fascinantes, os crimes sensacionais, a embriaguez patriótica que vibra nas estrofes dos poetas e no folclore guerreiro.

Se todos estes elementos de impulsionalismo imaginativo se pulverizam em sucessivos acontecimentos do mesmo tipo, já difficilmente conseguem acordar os estímulos que se acumulam na alma das multidões.

A tuberculose dizima anualmente, em Portugal, muitos milhares de existências; mas um fogacho epidémico que derribe algumas dezenas de vidas, numa afastada povoação, produz pânico, estimula protesto, determina reacções dos povos que o conhecimento da letalidade pela tísica não consegue despertar.

Isto vem demonstrar que os mesmos actos têm repercussão diversa na alma popular, segundo se apresentam na forma contundente do imprevisto ou entram no rodar da vida cotidiana que o raciocínio vigia e disciplina.

*

* *

As superstições têm notável influência na conduta da vida individual. São prejuízos a que poucos conseguem furtar-se, mesmo quando não existe fundo mórbido. Nas profissões em que se joga mais vezes a vida própria ou alheia, é fácil encontrar as pequenas credices supersticiosas. Estão neste caso os homens do mar, aviadores, toureiros e operadores, para apenas citar uns exemplos.

As multidões também podem enfermar dêstes males e chegam a tomar aspectos patológicos. As fantasias milagreiras e as curas prodigiosas, realizadas por *virtuoses*, estão neste caso. Ainda andam na lembrança de todos as ruídas manifestações populares que se produziram, em Lisboa, em defesa das chinas dos bichos.

Há outras, porém, que tomam aspecto grave, levando a consequências psicóticas. Entre elas, devemos pôr em relêvo a superstição espírita. Teve a sua origem na América do Norte, em meados do século passado, e deu a sua entrada na Europa em 1852, tendo tomado rápida expansão. Ou não se tratasse do maravilhoso a acicatar a curiosidade de pessoas ávidas de sensações novas! O

espiritismo alcançou, em poucos anos, só em França, cêrca de quarenta mil filiados, e criou também numerosos adeptos em Portugal.

A nova religião, se assim lhe podemos chamar, conta, no mundo, para cima de doze milhões de prosélitos. A Imprensa ocultista é numerosa ; a propaganda intensa. Em 1904, já existiam cento e trinta revistas e jornais diversos e o seu número não deve ter diminuído.

Sentir os espíritos, tê-los à ordem para informarem no repenicado da mesa pé de galo e em outras práticas de mais curioso engenho, é sensação estranha que as pessoas sugestionáveis transformam de dúvida em supostas realidades. Os que afirmam ter sentido, ouvido e até visto os espíritos, vão exercendo a sua acção persuasiva sôbre os novos iniciados. E a onda cresce. De comêço, há o natural sobressalto que causa o contacto com os mensageiros do depois-da-vida. É a predisposição psicológica para a aceitação de factos sem reserva. Impressionam como imagens que passam em cosmorama, dando origem a uma forte mística supersticiosa.

As almas penadas dos homens ilustres andam em peregrinação terrena, sendo chamadas, ao mesmo tempo, em vários lugares, acudindo perssuosas ao capricho dos *médios*, com aquele dom de ubiqüidade que só era atribuído aos deuses. O espírito de Napoleão, por exemplo, é consultado a-miúde, e agora ainda o há-de ser mais vezes, a-propósito da táctica dos exércitos em luta. O exilado de Santa Helena sofre as conseqüências da sua justificada celebridade, andando nestes vãos pelo espaço, ao capricho das gentes crédulas, que julgam ter sob o seu comando imperadores, sábios e santos, como as crianças têm às suas ordens submissos soldados de chumbo ! Daí um verdadeiro delírio colectivo que assenta sôbre uma base alucinatória. Os espíritos andam em farândola nos templos da seita e rondam os ouvintes nas salas de conferências do ocultismo.

Importa saber que estas práticas e propaganda trazem conseqüências funestas que os psiquiatras averiguam na clínica. Lévy-Valinsi chamou ao espiritismo a «ante-câmara da loucura» e o austríaco Donath classifica-o de «superstição vergonhosa para o nosso tempo, pois embrutece o povo e é perigosa para a saúde».

O espiritismo não gera uma psicose especial, mas concorre

para a expansão da loucura. São os débeis mentais, os degenerados, os psicasténicos, os indivíduos de limitada instrução e grande suggestionabilidade que formam a côrte dos adeptos mais fervorosos. Sem essa acção prejudicial, todos êsses indivíduos poderiam estacionar na vida social, numa relativa normalidade. Diz George Dumas que entre os doentes mentais, por êle observados, de tipo paranóide e de delírio de influência, sessenta por cento tinham praticado o espiritismo. Sinistra superstição em que a fraude e — o que é pior — actos delituosos se praticam, segundo informa Gouriou, que freqüentou êsses meios.

Uma outra superstição merece ser citada: a que dá origem à seita dos *skopzki*, criada na Rússia e que, segundo me consta, ainda ali continua a existir. Constitue uma mística colectiva de dramática exteriorização. Homens e mulheres mutilam-se, de maneira a impor-se uma castidade forçada. Vivem em comum em paragens da Sibéria.

Referi-me, com maior desenvolvimento, a esta seita, uma das mais impressionantes que conheço, na minha dissertação de concurso, agora com trânsito vedado nas livrarias.

*

* *

De todos os desvairos que atingem e ferem as sociedades, nenhum pode aproximar-se do maior de todos êles, a guerra, que agita e perverte a alma dos povos e transforma os esforços úteis em meios de destruição e de massacre.

Se nos orientarmos pelo critério que seguimos na apreciação das psicoses já descritas, temos de chegar a conclusões diferentes das que correm mundo como axiomas certos. Atribue-se a guerra ao estadista ou estadistas que a declaram, deixando num plano secundário a nacionalidade que a impôs. E, contudo, são as massas populares em que se aglomeram bons e maus, ignorantes e sábios, ousados e medrosos, as impulsionadoras da guerra. É um fundo psicopático colectivo que age e determina o conflito. Os historiadores pretendem justificar os factos por motivos ocasionais. Não os preocupam as causas intrínsecas, idiopáticas das multidões, diferentes segundo as raças e tendências psicológicas.

A morte é o aniquilamento, mas na guerra o desaparecimento de milhares de indivíduos é coisa secundária ; só a finalidade interessa. Como explicar esta loucura colectiva que não pára de reproduzir-se, sem sincronismo marcado, mas em períodos mais ou menos aproximados? O factor económico é o mais importante. Os acontecimentos da hora presente fazem reviver e actualizar a velha e sempre justa concepção de Malthus. Há países que têm duplicado a sua população nos últimos cinqüenta anos. A esta incontidência de natalidade vem juntar-se a mecanização da vida nos diversos sectores da actividade, fazendo rarear o trabalho individual e aumentar a produção. Querer desviar a vista destas noções é querer fugir às realidades.

O erro de predomínio mundial é outra causa que agita o espírito dos povos costumados a divinizar as glórias bélicas do passado. A diferenciação das raças, em demarcações extremadas, procura aumentar o prestígio de umas em detrimento das qualidades e virtudes das outras que apostrofam de bárbaras e inferiores, o que é impossível comprovar. Velha questão que acende ódios e incita violências. Nem a sublimação de uns nem a humilhação de outros. Todos os povos têm o seu lugar na História.

As ideologias ocupam um lugar secundário na etiologia guerreira. A História fala-nos, é certo, de campanhas conduzidas à sombra de crenças e ideais. Nenhum outro acontecimento foi tão brilhante como o das Cruzadas, na sua luta contra os mussulmanos, a-fim-de lhes arrebatarem o Santo Sepulcro. A expansão do cristianismo animava a maior parte dos participantes, sobretudo os das primeiras expedições ; mas mesmo essas tinham soldados mercenários. E, ao lado da aspiração inicial, havia também a do domínio de povos e conquista de territórios.

As guerras de Religião que assolaram a Europa no século XVI andaram quasi sempre ligadas a questões dinásticas e a interesses políticos. As ambições materiais das clientelas tinham, em geral, valor superior às doutrinas professadas.

Hoje, as ideologias em conflito entre dois sistemas antagónicos, perdem a sua consistência no desenrolar dos factos, nas horas atribuladas que ensangüentam o velho Continente. Questão mínima, por mais que queiram avultar-lhe a importância, em confronto com os interesses materiais e directos das nacionalidades.

Há povos naturalmente propensos à luta. As crianças começam a sua educação realçando os valores dos guerreiros, cantando os seus feitos e triunfos, divinizando os heróis nacionais. Tôdas as nações cultivam o espírito infantil na mesma orientação; sòmente esta é persistente, obsediante numas e episódica noutras.

Os triunfadores, nos campos de batalha, são glorificados em muitos países como expoentes máximos da vida colectiva. As estátuas e os monumentos são a demonstração palpável desta preferência; e os povos em que os artistas e cientistas tinham um culto acentuado arripiam caminho, exaltando a vibração máxima da alma popular em tôrno dos grandes capitães. São as colectividades, assim educadas e suggestionadas por idéias de ordem filosófica e outras, que impõem a guerra; são os homens, por maior que seja o seu prestígio de mando, que as arrastam para a luta. Os dirigentes têm a impressão de que comandam, quando são apenas comandados. Podem auxiliar as tendências dos povos, podem incitá-los com perspectivas falazes e até com realidades obtidas sem grandes sacrifícios; mas, no fundo, as suas instigações não passam de factores secundários.

Os soberanos absolutos — mostra-o a História — têm mais livres os movimentos para declarar a guerra que os povos fundamentalmente desejam. As assembléias legislativas são mais ponderadas; ouvem-se e discutem-se razões saídas dos diversos sectores da opinião; juntam-se representantes das diferentes crenças, ideologias e facções que se assimilam na nacionalidade; os povos têm mais tempo de reflectir; mas, na hora da agressão alheia, conduzem-se como se fôssem um só homem, porque representam o sentir do país atingido no seu prestígio.

As guerras são, pois, uma psicose colectiva, periódica, que, de certa forma, é a projecção em *écran* de desmedida grandeza, da sucessão das crises maníacas da psicose cíclica que observamos no indivíduo. Atinge tôdas as nações, sem privilégio de latitudes, de raças ou civilizações.

Os povos não sabem manter-se tranqüilos durante muito tempo; são essencialmente dinâmicos e turbulentos. Quando as guerras se não desencadeiam, dão-se desordens internas.

Um país nosso vizinho, que assistiu como espectador à Grande

Guerra, teve, mais tarde, de debater-se numa das mais trágicas convulsões nacionais de que reza a História.

A evolução e transformação do pensar das nacionalidades opera-se debaixo de influências diversas. As idéias religiosas e as concepções filosóficas têm particular influência na conduta da mentalidade colectiva. As primeiras são facilmente acessíveis; criam raízes e geram fanáticos. As segundas, idéias mais elevadas, são divulgadas na classes cultas e destas passam, em síntese, à média, concorrendo eficazmente para modificar a psíquica social.

Os enciclopedistas do século XVIII geraram a Revolução francesa; marcaram atitudes e abriram caminhos que mais tarde haviam de ser seguidos. Os filósofos alemães trilharam direcções diversas, mas não menos funestas. Não me furto a citar o seguinte trecho de Nietzsche: «O desenvolvimento do estado sacerdotal judeu não é original. Os judeus conheceram o modelo na Babilónia, mas o esquema é ariano. Se chegassem mais tarde a dominar de novo a Europa, sob a preponderância do sangue germânico, estaria de acôrdo com o espírito da raça dominante: um grande atavismo. A idade média germânica visava a estabelecer a *ordem das castas arianas*».

Não sei porque estranho desígnio, meio século depois, as mesmas idéias e quasi as mesmas palavras haviam de ecoar pela Europa fora como senha de perseguições e como advento dum novo misticismo rácico! Donde se conclue que são os gérmes, quando se desenvolvem no terreno favorável da alma das multidões que orientam os governantes.

Na etiologia da guerra há ainda outro factor de primacial importância: a subjugação das ciências matemáticas, físicas e químicas à orientação bélica dos povos. Os sábios perscrutam novas descobertas, auxiliados por bem apetrechados serviços técnicos, com o fim de fortalecer e tornar mais efectivo o poder militar, aumentando o potencial de destruição e de morte. Trabalho feito a ocultas, no labirinto dos cálculos, em demoradas investigações laboratoriais, na descoberta e composição dos mais fortes explosivos, no esforço violento das fundições, na construção dos mais mortíferos engenhos, tudo visa ao aniquilamento dos povos.

Quanta actividade se gasta na complexa arquitetura náutica guerreira para obter a mais resistente couraça, maior penetração

da artilharia, o melhor rendimento dos torpedos e das minas submarinas! Quanta energia se despende no aperfeiçoamento da relojoaria delicada dos submarinos e nos complexos meios de os destruir e aniquilar.

A aviação, sonho ancestral que encontra as suas origens mitológicas nas asas inconsistentes de Ícaro, que se precipitou nas águas do Mar Egeu, toma forma e adquire viabilidade no início do nosso século. Lembrem-se, por certo, do entusiasmo comunicativo que todos experimentamos, pois são factos dos nossos dias, ao sabermos dos primeiros vôos motorizados de Lengley, dos irmãos Wright, de Santos Dumont, de Voisin, de Bleriot, que atravessaram pela primeira vez a Mancha, numa máquina voadora, traço de união entre dois povos agora irmanados na luta que se está travando. Nenhum dos pioneiros da conquista definitiva do Ar pôde supor que um invento destinado a bem servir a humanidade fôsse afinal, transformado num elemento de combate, causador de carnificinas horrendas.

Ao desenvolvimento da química deve a medicina, e, consequentemente a humanidade, inestimáveis serviços; pois ao seu progresso deve-se também o fabrico de gases tóxicos que enodoaram os fastos da Grande Guerra e podem vir a denegrir os da guerra de hoje, no desenrolar dos acontecimentos bélicos.

Ainda chegam às nossas clínicas sobreviventes da última hecatombe europeia, com seqüelas patológicas que trazem a marca dessas gaso-intoxicações, suplício prolongado de mais de vinte anos de sofrimento e torturas.

Como se transformam em horrores selvagens de morticínio os melhores elementos do progresso humano!

Seja-me permitido citar parte de uma carta que uma das mais levantadas competências médicas dos últimos cinqüenta anos, Babinski, me escreveu em pleno período de hostilidades, em Junho de 1918. Guardo-a como precioso documento, por vir de um mestre queridíssimo, engenhoso e brilhante investigador a quem devi o grande e inesquecível favor do prefácio do primeiro volume que publiquei em França, máximo galardão da minha actividade científica. O grande neurologista francês escreveu: «D'ailleurs, dans les circonstances présentes, au milieu de tant d'évènements tragiques, il est permis de se demander si la science mérite d'être

l'object d'un culte. Les plus admirables créations de l'esprit humain ont eu, contre toute attente, pour effect principal, la destruction et le massacre. Avec un peu de pessimisme, on peut maudire le savoir. A craindre qu'un jour quelque decouverte ait pour conséquence l'anéantissement de l'humanité. J'espère, cependant, que les puissances du Bien finiront par l'emporter sur celle du Mal et que le travail, sous toutes ses formes, secondé par la Charité, parviendra à tarir les sources des larmes très abondantes aujourd'hui».

Este treno melancólico, saído da pena de um dos mais vigorosos e originais investigadores clínicos dos últimos tempos, página repassada de dôr e cheia de apreensões, plangência que recorda versículos da Bíblia, em que reluz no final, a esperança insegura de uma paz duradoura, merece ser meditado com devoção. São frases ditadas por uma alma de elevado quilate, em que a bondade sempre esteve em lausperene e só teve uma crença: o bem da humanidade. Aqui as divulgamos, pela primeira vez, como a oração dum justo em dia de trágicas apreensões.

Não terminarei êste rápido comento sem recordar que Babinski era de origem polaca e à pátria de seus maiores, emigrados de Varsóvia em 1848, dedicou carinhosa solicitude. Clovis Vincent, fazendo o seu elogio na Sociedade de Neurologia, disse, depois de pôr em relêvo as suas qualidades de patriota francês: «Este homem, de origem polaca, sabia melhor do que nós o que é uma pátria vencida, esartejada e oprimida».

A morte é, às vezes, caritativa!

Babinski desapareceu em 1932. Se vivesse na hora presente, como teria sentido a desgraça da Polónia heróica e mártir, terra de desventurada gente, que soube lutar e sofrer, caindo, por fim, sob o o fogo cruzado de dois colossos, abraçada à cruz da sua crença!

Quanta verdade ressuma do Elogio da Morte, do grande Antero:

*«Dormirei no teu seio inalterável,
Na comunhão da paz universal,
Morte libertadora e inviolável!»*

*
* * *

Desde que a guerra surge, nem todos são absorvidos no ciclópico redemoinhar da contenda. Alguns ficam ao lado. Sem cobardia, pois também afrontam os horrores da metralha, mas investidos em nobres funções, mais altas que os melhores feitos guerreiros, nos redutos sagrados das formações sanitárias. São os médicos, enfermeiros e auxiliares. O paradoxo eterno que envolve os grandes cometimentos! De lado a lado, prega-se e incita-se o aniquilamento do adversário e, em ambos os campos, os médicos lutam pela vida dos feridos, sem olhar à sua proveniência. Sob a bandeira da Cruz Vermelha, nos dois exércitos em combate, todos são tratados por igual. Os médicos apenas vêem homens nas ambulâncias e nas camas dos hospitais. Os ódios desaparecem à porta desses templos em que se professa a religião da mais imparcial filantropia. O contraste é completo: um sector de acção pacífica e altruista no meio do ruído das máquinas guerreiras. É a luz duma aurora de redenção que, nem as malquerenças dos combatentes, nem as armas assassinas, fazem esmorecer. Por vezes, as ambulâncias, postos de socorro e até os hospitais da retaguarda, são invadidos pelas granadas duplamente homicidas. Não são combatentes que matam, são mutilados que novamente sentem o peso letal da metralha! Perecem como seres indefesos, manietados aos seus leitos de dor. Os médicos e o pessoal sanitário, êsses, morrem no seu posto, no cumprimento dum alto dever que defendem heróicamente.

Desde que são chamados ao serviço militar, mantêm-se a ocultas das teatralidades bélicas, adentro da sua blusa branca, em que se não divisam as distinções das patentes, todos ligados como irmãos da mesma comunidade, no mister que lhes foi confiado, oposto ao da carnificina geral, que deflagra em tórno.

Pode nos seus cérebros vibrar o patriotismo em revêrberos de entusiasmo, mas, no exercício da profissão, é recalcado como ambição insatisfeita. Todo o seu esforço se concentra a bem de causa mais altaneira, esperança que bruxoleia nos campos pejados de

feridos, brisa suavíssima de fraternidade humana, que refresca as faces convulsionadas pela dor, energia consagrada a remediar as funestas conseqüências dos crimes sociais.

Que, ao menos, êsses pioneiros da redenção de vidas sejam julgados como exemplo de estoicismo sem par. Êles erguem, nos alcantis do espírito humano, a bandeira da paz, agitada pelo vento áspero das imprecações dos dilacerados: gritos de dor, de revolta e de maldição! Mas como não têm significado bélico, ninguém a divisa nem respeita. É a aspiração dos que pensam na vida, quando, em tórno, só se preocupam com a morte, finalidades opostas e, portanto, irreconciliáveis.

Mas se é necessário que os médicos salvem existências comprometidas nos embates guerreiros, porque razão se não evitam os conflitos sangrentos, que aniquilam gerações vigorosas, destinadas a melhores desígnios?

Entre os paradoxos sociais que Nordau escarpelizou, nenhum iguala êste, o mais frisante absurdo de todos. Poucos lhe dão atenção, por ter, de há muito, entrado na prática corrente das guerras. Com efeito, todos os exércitos se preocupam em melhorar as organizações sanitárias, e, ao mesmo tempo, multiplicam os meios de destruição e de morte. Até já se tem falado na guerra bacteriológica, supremo escárneo a cair sôbre os que arriscam a vida sòmente para salvar a dos seus semelhantes.

E para que servem tais sacrifícios? Com êles não aproveitarão, por certo, os vindouros. Recairão no mesmo êrro. As hecatombes hão-de suceder-se porque as nacionalidades ambiciosas são sedentas de sangue, como feras no deserto. Todos os horrores esquecem com a cicatrização das últimas chagas. Podem reconhecer a má orientação e ver qual é o bom caminho, mas não o seguem.

«Video meliora, proboque, deteriora sequor»,

já era verdade no tempo em que Ovídio o escreveu.

Resta agora perguntar: não haverá terapêutica útil a opôr a estas crises periódicas da psicose guerreira de que enferma a humanidade?

Como em alguns capítulos da patologia humana, em que nos

temos de confessar impotentes para combater a doença, também neste caso os sociólogos nada conseguirão de definitivo e seguro. O mal pode ser atenuado vasando em moldes diferentes a educação dos povos, e procurando influenciar as multidões em novas directrizes. Não é com o culto dos mitos guerreiros que as nações se mantêm na calma do trabalho útil. Tem de criar-se uma nova estrutura colectiva, aproveitando ao máximo, e em justa divisão, as riquezas da terra, de sorte que todos prefiram a tranqüilidade ao combate, os esforços úteis à tática guerreira, a saúde física e moral às heróicidades bélicas.

Mas nem assim, triste é confessá-lo, se terá debelado a guerra! Os surtos mórbidos desta psicose colectiva podem vir a ser mais raros, mas não deixarão de produzir-se. Além das causas estudadas, há a contar com os imponderáveis que escapam à mais rigorosa análise e que têm o seu lugar na etiologia dos conflitos.

A guerra é a crise periódica de uma psicose constitucional. As crises variam, na frequência e intensidade, com as latitudes e com as raças, mas existe em embrião em todos os povos, pronto a desenvolver-se desde que o meio lhe seja propício. Triste conclusão que a observação rigorosa dos factos impiedosamente impõe.

Nem a ciência que brilha intensamente nos países que ora se degladiam, nem as artes que neles alcançaram a máxima expressão, nem as fórmulas de correcção social da vida cotidiana que contrastam com a agressão sem tréguas da hora presente, conseguiram evitar a conflagração. Vive-se na ansiedade crescente de tétricas perspectivas.

A noite trágica desce sôbre a Europa; noite de temores, de presságios e de pungentes apreensões; noite sem estrélas no céu, sem luz na terra, sem faróis no mar; noite em que as trevas pesam como pedras tumulares; noite prolongada, gélida, povoada de macabras formas espectrais; noite de destruição e de dor, em que as feras urram pelas bôcas dos canhões e as aves noctívagas tomam proporções gigantescas no despejar da metralha; noite de alucinações terrificantes, de imaginadas crueldades e torturas; noite de insónias e sobressaltos, de raivas e maldições, de angustiadas mágoas e de lágrimas sem fim...

Noite trágica da história, quando acabarás? Quando surgirá
a aurora desejada?

«Porque a noite é a imagem do Não-Ser...»

E fico a rezar com o poeta :

*«Tu, casta e alegre luz da madrugada,
Sobe, cresce no céu, pura e vibrante,
E enche de fôrça o coração triunfante,
Dos que inda esperam, luz imaculada!»*

Egas Moniz